

2015: ano das contradições



Apesar das previsões de safras negativas nos últimos dois anos, houve recorde nas exportações e aumento de consumo. Forte desvalorização cambial foi a maior responsável pela queda nos preços do arábica

4

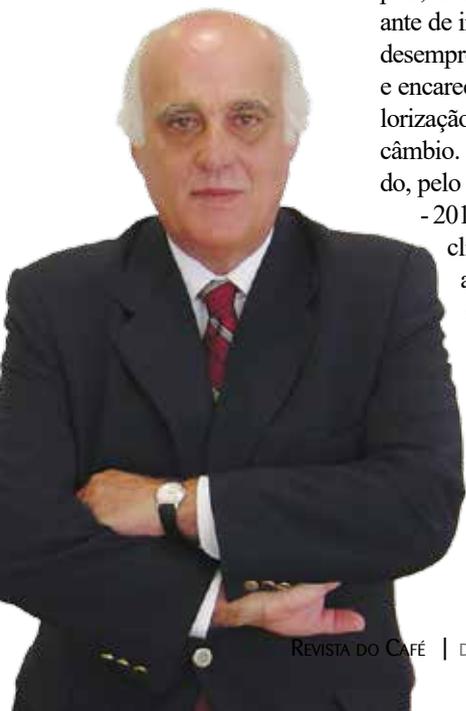
O ano de 2015 foi muito difícil para o país e para o café. No cenário externo, o mercado foi caracterizado por queda das cotações das commodities em geral - no caso do café arábica, com perdas em torno de 30%. No ambiente interno, o ano foi marcado pelo pessimismo gerado pela situação econômica do país, numa combinação estonteante de inflação em alta, recessão, desemprego, contenção do crédito e encarecimento dos juros, desvalorização do real e volatilidade do câmbio. O panorama foi agravado, pelo segundo ano consecutivo - 2014 e 2015 -, por problemas climáticos que impactaram a produção causando, segundo os órgãos oficiais de estimativa de safras, supostos prejuízos sobre o volume das duas últimas safras, quebra do volume e do rendimento, afetando a qualidade do produto.

Contrariando o dito popular de que o que está ruim pode ficar ainda pior, alguns sinais animadores surgiram do lado do consumo do café; aqui, um pouco mais modestamente, e no exterior. Segundo a ABIC (Associação Brasileira da Indústria do Café), em 2014 o consumo brasileiro cresceu 1,24%, para 20,333 milhões de sacas e, no ano de 2015, mais 0,86%, totalizando 20,508 milhões de sacas, a despeito da recessão. No lado dos países importadores, a OIC e o USDA projetam um crescimento do consumo mundial em 2015 da ordem de 2,4%, registrando 149,5 milhões de sacas (ver nesta edição). A expansão do mercado é promissora para os países produtores.

Como corolário deste aumento do consumo, a exportação brasileira tem destaque. Os embarques brasileiros, que em 2014 alcançaram o recorde histórico de 36,422 milhões de sacas, marcam um novo recorde em 2015: 36,890 milhões de sacas, conferindo ao país

algo próximo de 33% das importações dos países consumidores. Esse desempenho resulta, indiscutivelmente, sem falsa modéstia, da combinação da competência do produtor brasileiro de produzir com qualidade e da eficiência comercial do setor exportador.

A avaliação desses resultados e a análise de alguns indicadores de preços e comparativos que são mostrados na tabela ao lado, e os seus significados, sugerem uma ampla reflexão. De pronto, emerge como uma condição fundamental a revisão dos procedimentos relacionados às previsões de safras. É inadmissível que após 289 anos de café no Brasil, de liderança incontestada na produção e na exportação, com a qualidade de nossos técnicos na área da tecnologia da produção, da pesquisa, na área do cooperativismo, comércio e indústria, com recursos disponíveis no Fundo do Café - FUNCAFÉ, não sejamos capazes de proporcionar previsões de safra com precisão e con-



Indicadores de Comercialização

MERCADOS	02 a 08 de jan 2015		04 a 08 jan de 2016		VARIAÇÕES 2015/2016 - %	
	Preços Médios em \$	Cotações Real/US\$ - Média	Preços Médios	Cotações Real/US\$ - Média	Preços Médios	Cotações Real/US\$ - Média
EXTERNO						
Arabicas NY - 2ª Posição - US\$ cents/lp	173.87	2,6957	123.01	4,0306	-29,26	49,52
Conillon LTM - 2ª Posição - US\$ ton	1.935	2,6957	1.498	4,0306	-22,58	49,52
INTERNO						
Arabicas - ESALQ R\$/ sc. 60 k	469,14	2,6957	499,51	4,0306	6,47	49,52
Arabicas - ESALQ US\$/ sc. 60 k	174.03	2,6957	123.92	4,0306	-40,4	49,52
Conillon - ESALQ R\$/sc 60 k	276,15	2,6957	385,36	4,0306	39,54	49,52
Conillon - ESALQ US\$/sc 60 k	102.43	2,6957	95.60	4,0306	-7,14	49,52

Valores da média aritmética dos cinco primeiros dias de mercado de cada ano.

fiabilidade. É constrangedora a posição brasileira nos foros internacionais quando o tema é levantado. É preciso que as lideranças do agronegócio café se voltem para essa questão com urgência, quando nada por conta da realidade de que a safra a ser colhida a partir de abril próximo, sem dúvida, será o principal fator que influenciará os preços mundiais.

Também é importante analisar alguns números contidos na tabela ao lado para entender o seu significado, pois uma vez que, tudo indica, iremos conviver em boa parte de 2016 com um quadro de recessão, inflação alta, crédito contido e volatilidade cambial semelhante ao de 2015, seria interessante não repetirmos os mesmos erros. Ou seja, observar o comezinho princípio de que desvalorizações das moedas locais podem exercer pressões nas cotações internacionais se não forem acompanhadas de medidas de sustentação interna. Em 2015, como se verá, isso aconteceu no Brasil e em outros importantes produtores de café arábica. Os preços mundiais em moeda forte, que deveriam se manter estáveis em face dos fundamentos, sofreram pressões de baixa.

Vamos examinar inicialmente o que ocorreu com os preços externos dos cafés da variedade arábica. Tomando como base a média aritmética dos cinco primeiros dias de mercado de janeiro de 2015 do Contrato NY 2ª posição, 173 centavos de dólar, nota-se que um ano após, com os mesmos parâmetros, caíram para 123 centavos de dólar, ou seja, queda de 29,26% (neste

período a taxa US\$/R\$ evoluiu de 2,6957 para 4,0306 = 49,52%). Já no mercado interno, base ESALQ US\$, caíram de US\$ 174 por saca (2015) para US\$123 por saca = queda de 40,40%. Em resumo, enquanto o arábica NY teve uma queda de 29% em jan/15, em relação a jan/2016, o arábica brasileiro, base US\$, caiu 40%; ou seja, queda de 33% a mais em comparação ao mercado mundial.

Passemos à mesma simulação no mercado interno de arábica. Em janeiro de 2015, o preço ESALQ R\$ era de R\$ 469,14. Um ano após, em janeiro de 2016, era de R\$ 499,51, o que significa alta de 6,47%, para uma desvalorização do real de 49,52%. Em resumo, o preço ESALQ R\$ apropriou-se de 6,47% de uma desvalorização de 49,52%.

Antes de qualquer conclusão mais definitiva, vejamos e comparemos os indicadores do café conilon, tendo em conta os mesmos parâmetros. As cotações internacionais, Bolsa de Londres, mostram uma queda de 22%. Os preços internos, ESALQ US\$, caem de US\$ 102 para US\$ 95,60, ou seja, 7,14%. Isto é: enquanto os preços internacionais caíram 22%, internamente, base dólares, o conilon teve uma queda de 7,14%.

A mesma simulação no mercado interno para o conilon mostra que o preço interno ESALQ R\$, saiu de R\$ 276,15 para R\$ 385,36 em janeiro de 2016, alta de 39,54%, valor da desvalorização cambial apropriada ao preço.

A conclusão objetiva é que os preços internos do café arábica se

apropriaram de uma parcela reduzida da desvalorização cambial. E, subjetivamente, que a parcela não incorporada ao preço interno pressionou as cotações externas, contribuindo para as perdas observadas. No caso do conilon, a grande parcela da desvalorização cambial incorporou-se ao seu preço interno. Na hipótese de que o café arábica tivesse tido o mesmo desempenho da variedade conilon, o seu preço interno, em janeiro 2016, seria de R\$ 654,00 ao invés de R\$ 499,00.

A explicação para o desempenho diferenciado entre as duas variedades parece residir na circunstância de que o conillon apresenta uma demanda interna mais consistente, que lhe assegura uma sustentação de preços mais efetiva. Já o arábica parece exibir uma demanda interna menos consistente, a despeito de ter apresentado ao longo de 2015 um volume de exportações aquecido (pouco acima de 29 milhões de sacas). Acredito que a explicação pode estar no fato de que os recursos financeiros são alocados com caráter assistencialista a determinados setores, permanecem por vezes ociosos e não têm foco no objetivo principal de garantir liquidez ao mercado interno, para fomentar demandas adicionais, por exemplo, na elevação de estoques de trabalho.

Enfim, a importância do tema recomenda reflexões de todo o setor neste ano que se inicia. ☹️

Guilherme Braga Abreu Pires Filho

é Presidente do CCCRJ e

Membro do Conselho Deliberativo do CECAFÉ